

FAROESTE NO CERRADO: FRONTEIRA E DISTINÇÃO ENTRE ARAGARÇAS-GO E BARRA DO GARÇAS-MT (1920-1980).

Dr. ^a Maria de Fátima de Oliveira (PQ), *Bruna Alves da Silva (PG)¹.

Universidade Estadual de Goiás – Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER.

Resumo: A pesquisa visa compreender como duas cidades, Aragarças, localizada no estado de Goiás e Barra do Garças, no estado de Mato Grosso, construíram seus discursos de distinção social num ambiente de fronteira. A fronteira não é entendida somente como limite geográfico ou geopolítico, mas de um palco complexo de relações culturais em um mesmo espaço. Busca-se captar as permeabilidades culturais próprias de uma vivência fronteiriça. Sendo a fronteira lócus da disputa em si, entre o *de lá* e o *de cá*, investigaremos como são formados e dados a ler os discursos sociais coletivos dessas localidades na busca por sua afirmação social, tendo como palco a fronteira em si. O intuito é apreender como a fronteira interfere na construção dos discursos de pertencimento a localidade e como ela pode ser utilizada como vetor de distinção social de um grupo sobre o outro, na intenção de assegurar superioridade de comandos econômicos, sociais e culturais.

Palavras-chave: Espaço. Vazio. Disputas. Discursos. Pertence. Poder.

Introdução

Aragarças, município do estado de Goiás, faz divisa com o município de Barra do Garças, estado de Mato Grosso. O que une e divide as duas cidades, atualmente, é a ponte João Alberto Lins de Barros sobre os rios Garças e Araguaia, que teve sua construção iniciada em 1952, sendo inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek em 1958. Os dois municípios nasceram em uma região de fronteira.

Nossa pesquisa busca captar como as duas cidades construíram seus discursos, suas narrativas e suas alegorias no cenário da fronteira como lugar de renascimento, renovo e sedução. Entendemos que é a fronteira em si, não o *de lá* ou o *de cá*, mas as relações nascidas da/e na vivência fronteiriça, das permeabilidades, das trocas, das mesclas próprias das relações travadas em regiões de fronteira, entre as décadas de 20 a 70, que resultarão em singularidades culturais, sociais, representativas e de discursos. São esses hiatos que nos propusemos a revelar e compreender.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Território e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER.
brunalvesilva1@gmail.com

São as construções narrativas sobre a região-fronteira, a formação das cidades de Aragarças e Barra do Garças, que nos impulsiona ao estudo. A fronteira aqui não é entendida apenas como limite, separação, espaço vazio, carente de civilidade e progresso, a fronteira é o local onde novas construções sociais de distinção, alteridade serão erigidas e dadas a ler por discursos e alegorias construídas para representar as duas comunidades em questão (Costa, 2003).

A fronteira não é entendida somente como limite geográfico ou geopolítico, mas de um palco complexo de relações culturais em um mesmo espaço. Entendemos serem Aragarças e Barra do Garças a coxia onde ações econômicas vão se desenrolar, tecendo uma manta de representações, narrativas que resplandecerá nas suas mais variadas estruturas sociais e culturais. As próprias organizações dos espaços nas cidades falam ou evidenciam silêncios e construções físicas e simbólicas que, inquerimos, responderão muitas das questões socioculturais de sociedades alargadas, fecundadas, violentadas pelas relações vivenciadas numa fronteira, entendendo-a como física e ideológica.

Material e Métodos

Recorremos a História Cultural por compreender que, em se tratando de investigar, *a la Sherlock Holmes*, como propõe Carlo Ginzburg, revolvendo o passado como um inquérito reaberto, que precisa ser revisto sob nova luz, técnicas, fontes e abordagens, para assim deixar-se interpretar não há melhor conselheira. Mas, tendo clara consciência que esse passado não se deixará desvelar plenamente, as evidências são a todo momento alteradas pelos discursos que as professam, o passado não se dá a conhecer com facilidade, cabe ao historiador ser astuto e não se deixar encantar por um discurso histórico que quer lhe parecer límpido, transparente.

Como adverte Pesavento (2005), “é preciso não tomar o mundo – ou as suas representações, no caso – na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real”. Valioso se faz essa advertência, visto que, nossa pesquisa embrenha-se pelo campo das representações sociais, estigma e identidade, logo, damos ciência da necessidade de redobrar o cuidado na tarefa de captar aquilo que determinado grupo deseja fixar como realidade histórica.

Para tanto, buscaremos nas fontes documentais: leis, decretos, escritos oficiais da Fundação Brasil Central, fotografias, relatos de memorialistas, vídeos,

acervo de cartórios, um arrolar de “provas” que nos possibilite distinguir as várias possibilidades do real, da construção do que denominamos realidade, pelos grupos que perfazem a dicotômica relação entre os indivíduos, as cidades de Aragarças e Barra do Garças.

Não esquecendo da advertência de Demo (2002, pág., 16.)

Pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação.

As relações subjetivas são as pistas que desejamos capturar, compreender e ressignificar de acordo com as interpretações coletivas que, acreditamos, colheremos no decorrer do estudo. Portanto, Chizzotti (1995, p.79) define perfeitamente a extensão e ocupação de uma pesquisa qualitativa,

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Nesta tarefa a pesquisa de campo na sua modalidade de observador participante possibilitará a aplicação de entrevistas com os moradores das cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT, segundo Gonsalves (2001, p.67), “a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto”.

Daí a importância da entrevista por ser “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (LAKATOS, 2003, p.190). As entrevistas serão realizadas em vídeos e gravadores de voz de celular, com a devida anuência dos entrevistados mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, a duração será em torno de 40 minutos ou o tempo que o entrevistado julgar confortável.

Resultados e Discussão

Como exposto, ancoramos nossa investigação em indícios históricos que não foram abordados anteriormente. A relevância do estudo se pauta na originalidade da leitura pretendida das fontes históricas que, julgamos, estão dispostas nas constituições dos próprios municípios quanto nas relações sociais, culturais e econômicas desenroladas no espaço urbano da/na fronteira. Nossa labuta será no propósito de enunciar essas relações sobre a égide das ciências sociais.

Considerações Finais

Desta forma, nos empenhamos em desnudar como as cidades de Aragarças-GO e Barra do Garças-MT vivenciaram e construíram suas narrativas históricas, culturais e sociais frente ao mito da fronteira como lugar de rejuvenescimento do espírito da conquista certa e benesses abundantes para os fortes e destemidos desbravadores que se lançam ao desconhecido.

Agradecimentos

A minha orientadora, professora Dr.^a Maria de Fátima de Oliveira, ao meu Coorientador professor Dr.^o Sandro Dutra e Silva.

A Capes pelo fomento, que permite o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Programa, TECCER, juntamente, com a Universidade Estadual de Goiás, por proporcionar novos aprendizados.

Referências

BARDIN, L. (2006). Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 11^a ed.: 1989.

——— A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

- CHAVES, Tereza Maria Cotrim de Paiva. Memórias em construção no Centro-Oeste brasileiro: a expedição Roncador-Xingu. Dissertação (Mestrado)–Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 1994.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DINIZ, Zélia dos Santos. Conhecendo Barra do Garças. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 1995.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Aragarças: a cidade encantada no sertão de Goiás. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000000100004 acessado em 30/09/2015.
- HALL, Stuart, A identidade cultural na pós-modernidade. 11º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo. Atlas, 2003.
- MACIEL, Dulce Portilho. Aragarças (1943-1968): a moderna urbe na rota para o oeste. Revista Plurais. Anápolis, v. 1, n.4, 2006.
- MARTINS, Pollyany Pereira. Dinâmica Socioespacial de Aragarças Goiás: a cotidianidade na construção e estruturação do espaço urbano. Dissertação de mestrado, 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- REIS, Lucas Henrique. Tradição (Re)Inventada: A desconstrução do Mito do Cowboy Em Crepúsculo de Uma Raça. Revista Cantareira. Ed. 23/ Jul. Dez. 2015. In: <http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2016/01/reis4.pdf> acessado em 02 de Agosto de 2017.
- SANTOS, Alexandre Eduardo. Agrupamentos de cidades de pequeno porte: um estudo sobre Barra do Garças-MT, Pontal do Araguaia-MT e Aragarças-GO. Dissertação de mestrado, 2016.
- VARJÃO, Valdon. Aragarças: portal da marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, 1989.
- _____. Barra do Garças: migalhas de sua história. Brasília: Senado Federal, 1985.
- _____. Barra do Garças: do presente ao passado. Brasília: Senado Federal, 1992.
- _____. Janela do tempo: homenagem ao passado. Cuiabá: 3º ed. 2004.